

BRUNDA

OPRIMA



# ESPALHA EDH

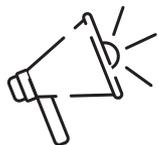


**Informativo sobre Educação em  
Direitos Humanos**

**TEMA DO MÊS: POLÍTICAS SOBRE DROGAS**

DEFE

# ESPALHA EDH



## Informativo sobre Educação em Direitos Humanos

**PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO**

Ricardo Nunes  
Prefeito

**SECRETARIA MUNICIPAL DE DIREITOS HUMANOS  
E CIDADANIA - SMDHC**

**Secretária Municipal**  
Soninha Francine

**Secretária Adjunta**  
Marcia Francine

**Chefe de Gabinete**  
Giovani Piazzì Seno

**Departamento de Educação em Direitos  
Humanos**

**Diretora**  
Renata Mie Garabedian

**Assessoras**  
Tayná Rodrigues Salviano  
Caroline Kazumi Chinen  
Vera Velozo

**Estagiários/as**  
Ana Joyce Soares Ribeiro  
Antonio Pedro B. M. Miranda  
Karine Yukari Shiroma

19ª Edição

1º Quadrimestre, 2023

**Parceria**

Coordenação de Políticas sobre  
Drogas

**Coordenadora**

Isabela Marques G.de Lemos

**Assessoras**

Ariane Albuquerque  
Thaís Gonçalves  
Clarice Bandeira de Melo Shiozawa  
Fernanda Ribeiro Alves Bezerra

**Revisão**

Thaís Gonçalves

**Concepção gráfica e diagramação**

Ana Joyce Soares Ribeiro  
Karine Yukari Shiroma  
Clarice Bandeira de Melo Shiozawa

**Realização**

Depto. de Educação em Direitos Humanos

# CARA LEITORA E CARO LEITOR

A discussão acerca das políticas públicas sobre álcool e outras drogas é bastante complexa e não se deve restringir as propostas simplistas de legalização ou proibição, isto é, o debate não se limita ao campo da segurança, sendo imprescindível um olhar cauteloso e crítico sobre às implicações sociais, raciais e de gênero que permeiam a temática.

Desse modo, essa edição procurou reunir diferentes prismas sobre essa abrangente temática, à fim de fortalecer a educação em torno das problemáticas envolvidas e elucidar sobre os estigmas que usuários de drogas enfrentam.

Para abrir a discussão, a seção extra "Lembrar para não esquecer", regida pela Coordenação de Política sobre Drogas, da SMDHC, nos mostra o olhar de pessoas que trabalham diretamente com a pauta no campo das políticas públicas.

Em seguida, segue a seção EDH na Rede, com o coletivo "Rede do Fundão" relatando suas ações e mobilizações no território do Grajaú e entorno, assim como explicando sobre a política de Redução de Danos a partir de suas experiências.

Um olhar feminista antiproibicionista sobre o uso das substâncias é o tema da seção Cultura DH, a partir do texto de autoria de duas integrantes da Rede Nacional de Feministas Antiproibicionistas (RENFA).

Para a compreensão do Guia de Gestão Autônoma da Medicação, a seção Territórios traz a experiência da GAM na UBS Vila Terezinha.

Por fim, o Perfil EDH é referente a Fundação Casa, chamando a atenção da temática ao se relacionar com crianças e adolescentes.

Além dos textos aqui apresentados, há uma série de indicações que valem a pena serem conferidas para que o contato com a temática não se restrinja ao finalizar a leitura, mas que seja contínua e aprofundada, pois ela não se limita a essas breves páginas.

Aproveitem!

**EQUIPE EDH**

# LEMBRAR PARA NÃO ESQUECER:

...

*Texto por Coordenação de Políticas sobre Drogas*

*O tema das Drogas é um campo aberto para muitas discussões possíveis. Enquanto Coordenação de Políticas sobre Drogas (CPD) da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (SMDHC) trabalhamos a partir da perspectiva de que por trás da criminalização e do estigma acerca de determinadas drogas, existem pessoas e suas relações com as substâncias.*

*O contexto de nosso país é marcado por intensas desigualdades sociais, sendo a questão racial um fator determinante para o desenvolvimento e os desdobramentos das políticas de drogas construídas e executadas a níveis federal, estadual e municipal. Nesse sentido, procuramos ressaltar nesta edição os atravessamentos cotidianos de nosso olhar e trabalho: a relação entre drogas e marcadores sociais de raça, gênero e classe, bem como as especificidades da temática no que diz respeito às experiências infanto-juvenis, abrangendo diferentes territórios da cidade de São Paulo.*

*Para que as políticas públicas sejam efetivas, é preciso considerar as realidades e demandas dos distintos grupos sociais. Isso nos permite pensar eticamente desde proposições de cuidados pautadas na Redução de Danos até a prevenção e educação ao uso de drogas no campo dos Direitos Humanos, isto é, a defesa de direitos fundamentais<sup>1</sup>.*

*Assumir um posicionamento reparador, fortalecer o campo da saúde de maneira integral e assegurar as liberdades individuais e coletivas são premissas fundamentais para o avanço das políticas frente aos efeitos da Guerra às Drogas<sup>2</sup>, a saber, o conjunto de estratégias de opressão direcionadas à população pobre, negra e periférica.*

*A elaboração de políticas, programas e fomento a espaços que viabilizem processos seguros, não deterministas, não estigmatizantes e que não corroborem com a manutenção da lógica vigente são norteadores da equipe da Coordenação de Políticas sobre Drogas, pautado na defesa dos Direitos Humanos e na construção de ofertas que viabilizem a prevenção, o cuidado e a liberdade das pessoas.*

<sup>1</sup> **Declaração Universal dos Direitos Humanos:** <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos> e **Constituição Federal de 1988:** <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html>

<sup>2</sup> **Racismo e a Gestão Pública das Políticas de Drogas na Cracolândia:**

<https://iniciativanegra.org.br/publicacao/racismo-e-a-gestao-publica-custo-das-politicas-de-drogas-na-cracolandia/> e **Documentário “Iniciativa Negra e o combate a guerra às drogas racista no Brasil”**

<https://www.youtube.com/watch?v=wrPCKqYDIHU&t=61s>

# EDH NA REDE

## REDUÇÃO DE DANOS, ARTE E CULTURA

*A “REDE DO FUNDÃO” COMO MODO DE AFIRMAÇÃO DA VIDA NAS EXPERIÊNCIAS INFANTOJUVENIS*

Adriano de Oliveira

Gabriela de Albuquerque Fernandes Machado Galvão

Romária Sampaio

O interesse desse artigo é apresentar a experiência do Caps ij Piração na “Rede do Fundão”, coletivo que se formou no Grajaú a partir da mobilização de atores e atrizes sociais que atuam em diferentes políticas públicas na região do extremo Sul da cidade de São Paulo/SP, da saúde, educação, assistência social, e coletivos de cultura, defesa dos direitos humanos e meio ambiente<sup>1</sup>. Criado em 2018, o coletivo se reúne uma vez por mês com o objetivo de promover o encontro dos profissionais para discussão e proposição de ações de enfrentamento de temáticas diversas: violência, defesa do meio ambiente, ofertas no campo da Cultura, qualificação profissional e Saúde Mental.

Entre 2018 e 2022 a Rede organizou por volta de 20 eventos, com as temáticas mencionadas, dando visibilidade às questões do território. Os serviços de Saúde constituíram pontos fortes da rede e a partir de ações intersetoriais enfrentaram de forma criativa e potente os desafios colocados pelos princípios do SUS: a oferta de cuidado integral, universal, com equidade e a participação social. A “Rede do Fundão”, portanto, reflete, mobiliza e desenvolve propostas intersetoriais para necessidades coletivas no território.

A redemocratização acompanhada pela consolidação do Sistema Único de Saúde em nosso país favoreceu que uma profusão de experiências e experimentações, novas tecnologias e novos modos de fazer cuidado pudessem ser reconhecidas ou mesmo inventadas. Em maior ou menor medida, foram incorporadas ou lançaram pistas importantes para a construção das políticas de saúde e linhas de cuidado.

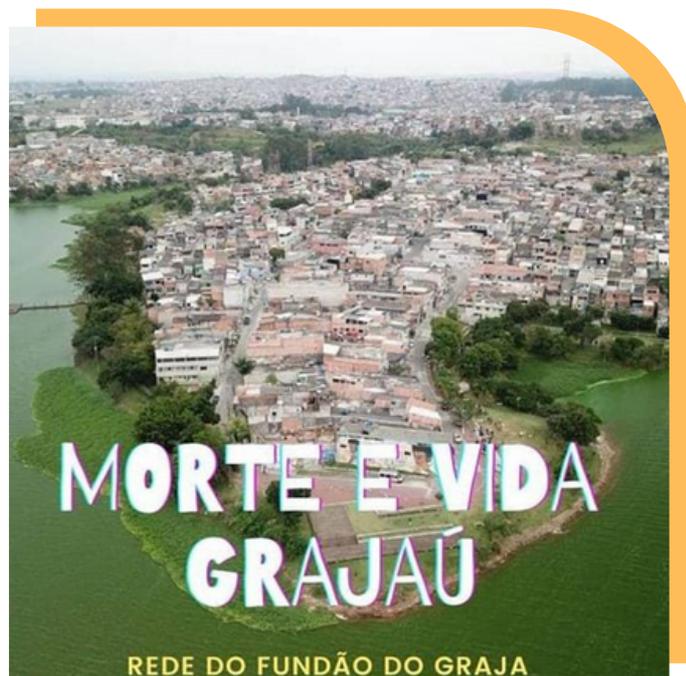


<sup>1</sup> Os serviços envolvidos são : UBS Cantinho do CEU, UBS Gaivotas, UBS Pq. Residencial Cocaia, Caps Adulto III Grajaú, Caps IJ Piração, CEU Navegantes, Espaço de Cidadania Grajaú - CIEE dentre outros serviços que compõem a Rede Assistencial de Saúde e serviços de Educação, Assistência Social e Coletivos de Cultura, Meio Ambiente e Defesa de Direitos das Mulheres (Centro de Convivência da Mulher - CCM Grajaú) e população trans presentes na região.

Entre essas experimentações e apostas, as chamadas estratégias de Redução de Danos surgem no contexto do enfrentamento da epidemia da HIV/ AIDS nos anos 1980, em diversos países, incluindo o Brasil<sup>2</sup>. No decorrer dos anos, a Redução de Danos foi se estabelecendo como política de saúde voltada à população usuária de drogas com o objetivo de reduzir prejuízos no corpo e nas relações pessoais e sociais dos sujeitos. Pauta-se na ampliação de alternativas de cuidado para além da abstinência como resultado ideal, no reconhecimento das pessoas usuárias de drogas como sujeito de direitos, na elaboração de ações em que o foco não é a droga, mas sim propiciar condições e possibilidades de vida mais potentes e saudáveis.

Mais recentemente, as disputas ideológicas em torno da política sobre drogas ficaram mais acirradas com o recrudescimento dos discursos conservadores e proibicionistas em torno da questão, ganhando força as estratégias de encarceramento como forma de tratamento nas comunidades terapêuticas e hospitais psiquiátricos. Não obstante, grupos organizados e serviços de atenção psicossocial que já se orientavam pelo paradigma da Redução de Danos seguiram na resistência, sustentando práticas pautadas na garantia dos direitos humanos e no cuidado em liberdade.

É possível afirmar que, após três décadas, a Redução de Danos foi se estabelecendo como paradigma que não privilegia apenas aspectos técnicos, mas sobretudo éticos na formulação e execução dos planos de cuidado. Nesta perspectiva, enquanto paradigma ético-político, arriscamos dizer que extrapola os limites da política de Saúde, uma vez que se apresenta como afirmação e ampliação da vida em toda sua complexidade e diversidade. Dito de outro modo, produção de cuidado há que se fazer coletivamente e em rede.



<sup>2</sup>No Brasil, a cidade de Santos foi pioneira ao tentar incluir ações de redução de danos na Política Municipal de Saúde, em 1989. Contudo, a iniciativa foi barrada pelo Ministério Público sendo considerada, erroneamente, como incentivo ao uso de drogas. Todavia, de forma clandestina, as ações foram continuadas pela ONG Instituto de Estudos e Pesquisas em AIDS de Santos (IEPAS), na forma de distribuição de seringas e com ações educativas. Tais iniciativas, no decorrer dos anos, ganharam reconhecimento e financiamento de organismos internacionais e apoio de instituições de ensino e pesquisa. Além disso, delineou-se como sua característica principal o protagonismo dos usuários e ex-usuários de drogas na implementação e realização das ações. Em 1994 que o Ministério da Saúde incorpora a Redução de Danos como estratégia de prevenção ao uso abusivo de drogas, DST E Aids, por meio do Programa Nacional de DST e Aids. O I Fórum Nacional Antidrogas, organizado pela Secretaria Nacional Antidrogas, de 1997, incluiu pela primeira vez as estratégias de redução de danos enquanto política pública relativa ao uso abusivo de drogas.

Neste sentido, um exemplo desta atuação conjunta foi um evento realizado pela rede no ano de 2019, em setembro daquele ano, no qual realizamos o evento “Morte e Vida Grajaú”, este evento marcante e emblemático, pela sua potência e enorme articulação entre a comunidade, os serviços do território e coletivos culturais produziu vida. Os diversos atores e atrizes presentes apresentaram desde cuidados e rodas de conversa sobre saúde e saúde mental, bem como arte, música, cultura, esporte e lazer, garantindo através de tal mobilização acesso e valorização do território. Acreditamos importante contar sobre este evento pois é um exemplo de que a Redução de Danos vai muito além da questão do uso de substâncias, e sim de como ações como essa podem promover o cuidado de forma ampliada, aberta, trazendo a discussão sobre o uso de substâncias para a juventude.

Os serviços em rede têm como função a promoção do acesso e a garantia de direitos básicos e fundamentais, além de promover diálogo com a comunidade a respeito dos desafios existentes no território construindo estratégias coletivas para tais enfrentamentos.

Outro exemplo importante foi a articulação realizada durante o período da pandemia, no qual através dessa potente articulação pudemos arrecadar um número importante de cestas básicas e produtos de limpeza para as famílias acompanhadas pelos serviços da rede, entendendo esta ação como uma importante ação para reduzir os danos produzidos pela pandemia.

Estes são exemplos da potência desta rede, e como essa atuação se relaciona diretamente com a questão da Redução de Danos. É notório, portanto, que a articulação intersetorial a partir da construção da Rede do Fundão, envolvendo coletividades artísticas, culturais, profissionais executantes de políticas públicas no território além de ser uma construção contínua e orgânica, que se propõe a refletir e intervir coletivamente através de ações para o enfrentamento da violação de direitos. De modo amplo, a Redução de Danos pode ir muito além do uso de substâncias psicoativas, uma vez que espaços de convivência, acesso a lazer, à atividades artísticas/culturais e etc, contribuem para que a população do território do Grajaú exerçam minimamente sua cidadania com mais dignidade.

Acreditamos que desenvolver ações nessa perspectiva facilita o diálogo aberto com a juventude, para a partir daí, podermos construir junto com a molecada o sentido ou não do uso de substâncias, ampliando a questão do uso, promovendo acesso, reflexões e diálogos abertos e acolhedores e em rede, traçando estratégias coletivas de cuidado e valorização do próprio território.

Por último, é importante ressaltar que embora este artigo tenha sido escrito por algumas pessoas, ele só é possível pois essa rede é tecida por muitas mãos de pessoas que passaram por esta rede, algumas permanecem e outras vão tecendo novas redes pela cidade afora. Dani, Laís, Yamara, Sheila, Uiara, Ferruge, Tim, Helder e mais um monte de gente porreta do fundão do Grajaú!

## **Dicas de leitura:**

Artigo - Redução de danos do uso indevido de drogas no contexto da escola promotora de saúde. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/6cfChpcgC76NVpKh8gfj6YG/?lang=pt>

# CULTURA DH

## UMA NOVA CULTURA PARA LIDAR COM O USO DE SUBSTÂNCIAS ATRAVÉS DO OLHAR FEMINISTA ANTIPROIBICIONISTA

Por: Juliana Vicente de Freitas e Nêmara Vianna

O tema das drogas, seus usos, efeitos e políticas de atenção envolvem uma série de tensionamentos, complexidades e atravessamentos sociais, já que substâncias psicoativas são um tabu na sociedade normativa em que vivemos. Para lidar com essas questões, a Redução de Danos (RD) propõe um conjunto de práticas, ações e condutas éticas para construir o cuidado político em saúde, assistência e em Direitos Humanos para pessoas que usam drogas, lícitas e/ou ilícitas. A Redução de Danos não é uma estratégia fechada e protocolar, é aberta a compreender os diversos fenômenos que passam pela vida de alguém que usa ou não quer mais usar drogas.

Drogas são substâncias inertes que interagem com corpos biopsicossociais e produzem diversos efeitos. A proibição das drogas e o moralismo com que o assunto é tratado se interseccionam com opressões de gênero, raça e classe. Por isso, é importante que os cuidados com populações específicas sejam pautados na construção conjunta com movimentos sociais e com ações de políticas públicas.

A Rede Nacional de Feministas Antiproibicionistas (RENFA) é uma organização da sociedade civil que defende a ampliação de vida e de direitos de mulheres e pessoas que usam drogas. É uma luta conjunta com mulheres cis, trans, travestis, pessoas não-binárias, negras, indígenas, profissionais do sexo e sobreviventes do sistema carcerário para promover o autocuidado como proposta metodológica entre suas militantes.

A Redução de Danos (RD) é um dos caminhos que a RENFA percorre para propor ações efetivas de cuidado e construção de uma outra política de drogas. Estamos em mais de 10 estados brasileiros e promovemos ações de RD nas ruas, periferias, em festas e em contextos culturais para promover o diálogo e a luta constante, para afirmar que corpos dissidentes e drogados são potentes para além do que o proibicionismo dissemina.

Em SP a RENFA já realizou ações de RD em saraus e slams (batalhas de poesia) com pessoas LGBTQTs, discutindo o uso de drogas em rodas de conversa, seminários e também prestando atendimento para pessoas que usam drogas nesses contextos. Redução de Danos é sobre ampliação da vida e restituições de direitos historicamente negados pelo machismo, racismo e classismo. Acreditamos em um cuidado que esteja na rua, olho no olho, lado a lado, em grupo e em coletivo para a promoção de saúde e de direitos e que não reforce estigmas e enclausuramentos de pessoas que já vivem os sufocamentos das opressões sociais. Permanecemos, assim, na defesa de uma educação em Redução de Danos pautada no cuidado ético, clínico, político e em liberdade.



# TERRITÓRIOS EDH

## APRESENTAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DA GAM NA UBS VILA TEREZINHA NA ZONA NORTE

*Por Camila Lopes Acquisti - Farmacêutica UBS Vila Terezinha  
Eulalia Henrique S. Leonardo – Terapeuta Ocupacional – UBS Vila Terezinha  
Alexandre Barbosa Ramos – Agente de Proteção Ambiental - UBS Vila Terezinha  
Aline Kelly Pereira dos Santos – Agente comunitária de Saúde - UBS Vila Terezinha  
Guilherme Aleixo Sandrin – Pesquisador da PUC*

Será que o medicamento é a única forma de cuidado?

A ideia desse texto é quebrar a lógica de que o cuidado a saúde esteja atrelado a falsa ideia de cura da doença e que o medicamento seja considerado a única fonte para alcançá-la.

Entendemos que o conceito de saúde perpassa ao estado de bem-estar, que integra as condições biopsicossociais do sujeito, assim, para pensarmos no cuidado em saúde se faz necessário superar a lógica do modelo centrado na doença, essa que favorece a hipermedicalização.

A noção de cuidado que compreenderemos aqui é a de integralidade que, além de ser um princípio norteador do SUS, insere o sujeito em seu contexto social identificando as possibilidades de cuidado dentro de seu território e a construção da cogestão com autonomia.

Considerando o conceito da integralidade, temos na Estratégia ou Guia da Gestão Autônoma da Medicação (GAM) uma importante aliada para superar a lógica medicalizante do cuidado em saúde. De forma breve e geral, a GAM, nasce no Canadá nos anos 90 a partir da iniciativa de familiares e usuários que buscavam uma ressignificação do uso do medicamento e também uma maior autonomia sobre o seu diagnóstico.

A GAM se estrutura a partir de um guia onde existem passos para se pensar aspectos da vida, que foi traduzido e adaptado a nossa realidade.

A partir de 2019, começa a se estruturar na UBS Vila Terezinha o grupo GAM, juntando trabalhadoras, estudantes e pesquisadores empenhados em produzir esta estratégia dentro do território. Esta interprofissionalidade, garante um olhar ampliado sobre o cuidado e a horizontalidade na relação serviço-população.

Considerando as características de extrema vulnerabilidade social, foi observado a necessidade de adaptar o GAM para dialogar com a população. Assim nasce o processo de criação do jogo GAME, uma ferramenta que facilita o usuário refletir sobre assuntos diversos como: qualidade de vida, cotidiano e organização da rotina; relações familiares, de amizade, de trabalho; saúde; medicação; redes de apoio; projetos de futuro e desafios da vida.

Observamos que o GAM e o GAME, dialoga com os princípios da Reforma Psiquiátrica Brasileira (RPB) e se insere nessa política a partir da valorização e busca pela construção de uma rede de vínculos à qual o usuário possa encontrar apoio para seu cuidado, superando o modelo hospitalocêntrico do cuidado focado na queixa-conduta e centrado no médico.



Dialogando com a prática de redução de danos, abordamos questões da vida em que o uso da medicação não é ator principal do processo de cuidado integrando outras estratégias que compõem este processo. E essas ações podem ser observadas nas escolas através do processo itinerante que o grupo GAM Vila Terezinha iniciou no território traçando diversas parcerias para além dos muros da UBS, onde são discutidos questões sobre drogas, conflitos relacionais, saúde e projetos de vida.

E assim vamos construindo um processo que possibilita ampliar as formas de cuidados da saúde a partir do olhar para o outro, o olhar para as relações interpessoais, para os sentimentos, para relações com o trabalho e com o lazer.



# PERFIL EDH

FUNDAÇÃO CASA

Por Daniela Machado\*



Uma gota cai

No primeiro dia de aula, um jovem de 14 anos, canta uma música que compôs em uma de suas 07 passagens pela Fundação CASA/SP:

"Uma gota cai, e o vento se bate  
Já tá dando uma saudade do parceirinho Isaque  
Que Deus conforte o coração da sua senhora  
Abraçando seu filho  
vendo ele ir embora  
E o jacaré  
muleke zica  
Deixou a adrenalina tomar conta da sua vida  
E ô Isaquinho já foi muleke zika  
Deixou a adrenalina tomar conta da sua vida"

Nessa canção, ele lamenta a morte do amigo de 13 anos, ocasionada por insuficiência respiratória após o uso excessivo de lança perfume. O pré-adolescente que compôs e cantou a música, tem problemas respiratórios, derivado do uso que faz da mesma substância que o amigo morreu.

Constantemente ouço de mães e dos próprios alunos que é normal crianças, adolescentes, egressos da Fundação CASA fazerem uso abusivo de lança perfume, álcool e outras substâncias. Tenho alguns jovens no meu "instagram" e realmente é desesperador quando vai chegando os finais de semanas, e esses jovens exibem em seus "stories" o consumo excessivo de bebidas alcoólicas e outras drogas, não podemos em hipótese alguma, esquecer que uma das mais nocivas de todas, que é o álcool (liberado para maiores de 18 anos) é vendido sem responsabilidade e critérios para menores.

Crianças e adolescentes com garrafa de whisky bebem deliberadamente, não existe fiscalização que cumpra o artigo 243 da Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente.

Vale lembrar o tempo todo que estamos falando de um público abandonado, desde a falência da família, a falta de políticas públicas, estendendo-se ao capitalismo voraz e a um Brasil que segue na lista do 9º mais desigual do mundo, este é resultado de um país que concentra absurdamente suas riquezas.

Sem dúvidas um problema de ordem econômica, social e acima de tudo moral.

Para o psicanalista Inglês, Donald Winnicott, quando uma criança que vem ao mundo precisa de um ambiente bom e suficientemente forte para que tenha um bom desenvolvimento. Além de uma mãe atenta, que satisfaça suas necessidades de vida. Quando uma criança ou um adolescente sente que perdeu algo que deveria ter por direito, acontece algo irreversível, ela começa ter atos anti sociais, como

por exemplo o roubo, ela rouba como forma de ressarcimento. Quando uma criança ou um adolescente tem atos anti sociais significa que ela perdeu algo de muito valor, existe algo que possamos fazer por ela? É possível reverter o que foi perdido? Sim, mostrando que ela tem direitos.

No caso das crianças e adolescentes que fazem parte de uma classe social destinada ao fracasso e que começam muito cedo o uso abusivo de drogas, seja pelo abandono da família ou pelo descaso do Estado e da população, podemos aplicar a tese de Winnicott e mostrar para essa criança ou adolescente que eles têm direitos e que esses direitos devem ser cumpridos, e que juntos podemos mudar a realidade, mas a mudança só será possível se nós adultos estivermos conscientes de que precisamos urgente colocar a infância e adolescência na pauta principal da ordem do dia.

### **Filmes sobre crianças e adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa, situação de risco social e drogas:**

Pixote - A lei do mais fraco  
Brasil  
Direção: Hector Babenco (1980)

Vera  
Brasil  
Direção: Sérgio Toledo (1986)

Juízo  
Brasil  
Direção: Maria Augusta Ramos (2008)

Polissia  
França  
Direção: Maiwenn (2012)

A esperança vem do lixo  
Brasil/E.U.A  
Direção: Stephen Daldry e Christian Duurvoort (2014)

Os Reis do mundo  
Colômbia  
Direção: Laura Mora (2022)

### **Séries sobre crianças e adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa e drogas:**

Sintonia  
Brasil  
Direção: Kondzilla (2020)

### **Livros sobre crianças e adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa e drogas:**

A Queda para o alto  
Autor: Anderson Herzer (1982)

### **Músicas sobre crianças e adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa e drogas:**

Diga não ao crack  
Consciência Humana (1982)

Menor abandonado  
Zeca Pagodinho - (1987)

Mágico de Oz  
Racionais Mc's - Sobrevivendo no inferno - (1997)

\*Daniela Machado

Nasceu no Capão Redondo, aos 16 anos, ficou internada em 2001 por 07 meses na FEBEM/SP, atual Fundação CASA/SP, onde conheceu Márcia de Luca, professora de yoga que financiou seus estudos quando saiu da FEBEM.

Pós Graduada em Gestão de Projetos Sociais Pontifícia pela Universidade Católica de São Paulo (PUC SP), graduada em Ciências Econômicas pela Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU - SP), em 2019 participou do Heyman Program for Philanthropy na Universidade de Nova York. Atuou no setor privado de 2003 até 2010, em áreas financeiras e administrativas. Em 2011 iniciou seus estudos em Artes Dramáticas, em 2012 ingressou na Companhia Teatral Os Satyros, onde ocupou o cargo de produtora da Companhia e permaneceu até 2018. Entre 2015 e 2016 realizou duas oficinas de elaboração de projetos e captação de recursos na SP Escola de Teatro. Em 2017 e 2018 coordenou o curso tecnólogo de Produção Cultural da Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT), em 2019 realizou duas oficinas de elaboração de projetos e captação de recursos no Instituto Tomie Ohtake. Em 2018 fundou a Associação dos Artistas e Produtores do Centro de São Paulo, com atividades voltadas para infância e adolescência como cinema, teatro, circo, artes plásticas, literatura e música. Até o momento já desenvolveu mais de 45 projetos ligados à arte e educação.

Projetos mais importantes que desenvolveu nos últimos dois anos

Expresso, que aconteceu no período entre setembro e dezembro de 2021, funcionando como um ateliê híbrido de artes visuais, formado por sete artistas visuais contemporâneos que desenvolveram projetos artísticos com 30 jovens, sendo cinco internos da Fundação CASA (Casa Bom Retiro) e 25 em medida socioeducativa de Semiliberdade, Liberdade Assistida e Prestação de Serviço Comunitário, na cidade de São Paulo.

E atualmente o Refúgio, que é um projeto formado por 20 crianças e adolescentes, a faixa etária entre eles é de 15 a 19 anos, semanalmente, eles se dividem entre os dois galpões de 500m<sup>2</sup>, sediados nas dependências do Parque Estadual Manoel Pitta, no Belenzinho, para praticar oficinas de artes visuais, teatro, skate e bicicletas.

# ESPALHA + DH

## MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS

### **experiência de trabalho frente ao contexto de drogas e saúde mental**

Por Vanessa Rosa Bastos Silva e Dayane dos Santos Lotti

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), inova ao reunir normativas voltadas à promoção, defesa e garantia dos direitos da criança e do adolescente com base na Doutrina de Proteção Integral e na organização do Sistema de Garantia de Direitos.

Até sua promulgação, a legislação brasileira legitimava intervenções correccionais/ repressivas com os adolescentes considerados em “situação irregular”. Com a mudança, essa perspectiva tornou-se uma medida de responsabilização pautada no fortalecimento da concepção educativa.

Em 2012 criou-se o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE), cuja finalidade é organizar a execução das medidas socioeducativas destinadas aos adolescentes que cometem ato infracional, por meio de diretrizes já previstas no ECA, apresentando detalhadamente o funcionamento do sistema de justiça juvenil brasileiro.

São previstas diferentes modalidades de acompanhamentos socioeducativos e os municípios são responsáveis pela execução das medidas socioeducativas em meio aberto. Na cidade de São Paulo elas são conduzidas pelos Serviços de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto (SMSE/MA), equipamentos gerenciados por Organizações da Sociedade Civil (OSC's) em convênio com a Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS) e supervisionados pelos Centros de Referência Especializados da Assistência Social (CREAS).

Neste texto abordaremos as medidas socioeducativas em meio aberto, ou seja, Liberdade Assistida e Prestação de Serviços à Comunidade, no que se refere às experiências de trabalhos sobre drogas e saúde mental. Essa discussão é imprescindível no acompanhamento socioeducativo, pois o consumo e o tráfico de drogas atravessam o contexto desses adolescentes, seja por meio de suas experiências pessoais ou pelo contato com uma rede comunitária e afetiva envolvidas com essa realidade.

O objetivo socioeducativo, além da responsabilização sobre o ato infracional cometido, implica pensar estratégias que possibilitem a ressignificação e construção de trajetórias de vida mais saudáveis. O uso de substâncias psicoativas é uma prática milenar relatada nas mais diversas sociedades, assim, alguns pontos são fundamentais quanto ao enfrentamento de seu uso abusivo:



Conhecer o contexto dos adolescentes para elaborar conjuntamente as intervenções;

- Promover ações baseadas em uma perspectiva realista de execução, como a redução de danos e saúde mental;
- Trabalhar com as famílias e a rede socioassistencial do território desses adolescentes, tendo em vista a compreensão de que eles são responsáveis de todos;
- Promover interlocução com outras políticas públicas, em especial saúde e educação, fundamentais no desenvolvimento pessoal e social.

Quanto ao último ponto, nossa principal referência frente a essa questão é a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), no qual um de seus equipamentos, os Centros de Atenção Psicossocial em Álcool e outras Drogas (CAPS AD), promovem cuidados em saúde mental de pessoas com essa demanda.

Com base em nossas experiências, compreendemos que o acompanhamento socioeducativo evidencia uma trama complexa de fatores individuais, familiares, históricos, sociais, econômicos e culturais que devem ser cuidadosamente considerados. No que se refere ao contexto das drogas, esse trabalho nos convida a olhar o adolescente e sua família em suas nuances e complexidades, o que requer intervenções interdisciplinares e intersetoriais, pois estas visam a superação da condição de não acesso ou mesmo a violação de direitos.

### Indicação de Materiais

- Psicanálise: Nas Situações Sociais Críticas - Violência, Juventude e Periferia: Uma Abordagem Grupal. Jorge Broide. Juruá Editora; 1ª edição, 2008.
- Sintonia. Série de três temporadas, 2019.



**Vanessa Rosa Bastos Silva** é graduada em Psicologia pela Universidade Paulista, possui formação em Psicanálise dos Laços Sociais pela Universidade de São Paulo - USP, Especialização em Educação em Direitos Humanos pela Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP e Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde pela Universidade de Brasília - UnB. Foi membro da Comissão de Direitos Humanos do Conselho Regional de Psicologia do Distrito Federal e Conselheira do Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente - CDCA DF.

**Dayane dos Santos Lotti** possui graduação em Psicologia pela PUC SP, formação em Justiça Restaurativa pelo CDHEP Campo Limpo e Aperfeiçoamento em Primeiros Cuidados Psicológicos pela USP. Atuou quatro anos como técnica de medidas socioeducativas em meio aberto em um SMSE/MA da zona norte de São Paulo e atualmente trabalha com clínica de consultório.

**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS  
HUMANOS**

**SECRETARIA MUNICIPAL DE DIREITOS HUMANOS  
E CIDADANIA**

[cedh@prefeitura.sp.gov.br](mailto:cedh@prefeitura.sp.gov.br)